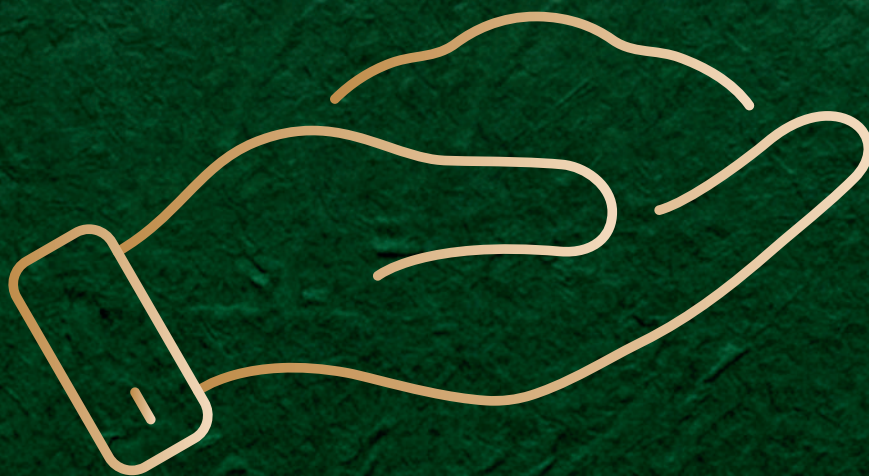




ANIVERSÁRIO

CAF - COOPERATIVA AGRÍCOLA  
DO FUNCHAL, CRL



**DIÁRIO**  
de Notícias

ABRIL  
DE 2026



## Ficha técnica

**EDITOR, PROJETO GRÁFICO E PAGINAÇÃO:**

Empresa Diário de Notícias, Lda.  
Rua Dr. Fernão de Ornelas, n.º 56 - 3.º Andar  
9054-514 Funchal | NIPC 511 000 235

**COORDENAÇÃO:** CAF - Cooperativa Agrícola do Funchal, CRL

**FOTOGRAFIA:** Joel Bettencourt | Shutterstock | Arquivo DN e CAF

**REDAÇÃO:** Mónica Rodrigues

**PAGINAÇÃO:** Ricardo Ferreira

**IMPRESSÃO:** IMPRINEWS Empresa Gráfica, Lda.

**DISTRIBUIÇÃO:** DIÁRIO DE NOTÍCIAS MADEIRA

**DATA:** 17 de Abril de 2026

Esta revista faz parte integrante desta EDIÇÃO e não pode ser vendida separadamente.



COOPERATIVA AGRICOLA  
DO  
FUNCHAL  
S.C.R.L.

Aviso Importante  
Isto fiarva co só erecte para  
verda predaio doo peeu do.  
sociedes.

# 15 ANOS DE HISTÓRIA

O ano de 1951 assinala a génese da Cooperativa Agrícola do Funchal, instituída como um núcleo de convergência de vontades, de partilhas e daqueles que faziam da terra o seu sustento. Ao longo de décadas, a instituição atravessou gerações, testemunhou as metamorfoses do sector e acumulou um património imaterial que os números são incapazes de quantificar.

Uma herança gravada no semblante e no labor de quem por aqui passou. Esta história reside na memória, nos rostos e nas mãos calejadas daqueles que a escreveram. Volvidos setenta e cinco anos, e não obstante as vicissitudes do tempo e dos desafios intrínsecos à actividade agrícola, a Cooperativa permanece como um símbolo de resiliência no tecido empresarial madeirense. Perante todas as mutações, pereniza-se o hábito do regresso e a hospitalidade de uma porta que se mantém, invariavelmente, aberta.

A portrait of Rui Santos, an elderly man with glasses, wearing a dark vest over a striped shirt. He is sitting in front of a window with greenery outside. The text is overlaid on the bottom half of the image.

# RUI SANTOS

Aos 84 anos, faz parte da administração da Cooperativa Agrícola do Funchal por um sentido de missão. No âmbito do 75.º aniversário da Cooperativa, recorda a viagem de comboio que mudou a sua vida em 1981, os tempos em que a CAF tinha 126 delegações e o incêndio que se tornou combustível para a sua reorganização. Um testemunho de quem atravessou crises e reconfigurações operacionais e financeiras para garantir a continuidade do funcionamento da 'casa' dos agricultores.



# A Cooperativa é feita de pessoas e para o povo e esse espírito não se pode perder

## **Poderia descrever o percurso, quase fortuito, que o trouxe até à CAF?**

Foi uma coincidência. Estava no comboio, a viajar entre Lisboa e a Marinha Grande quando encontrei um antigo colega de liceu – na altura membro do Governo –, que me disse: “Rui, preciso de ti na Madeira”. Eu nem sabia que a Cooperativa existia! Era casado, tinha três filhos pequenos... levei seis meses a decidir, mas, entretanto, tomei a decisão e foi em boa hora. Quando cheguei, a 1 de Setembro de 1981, a casa estava intervencionada pelo Governo e entrei como director comercial.

## **Como estava estruturada a direcção da Cooperativa?**

A direcção tinha sido nomeada pelo Governo, creio que logo a seguir ao 25 de Abril. Foi também nessa altura que anexaram o Grémio à Cooperativa. Fiquei como director comercial durante dois anos, até que, em 1983, foram promovidas as primeiras eleições na Cooperativa. Passei a fazer parte da direcção eleita, primeiro como secretário e director comercial e, mais

tarde, como director executivo, cargo que ocupei durante perto de 20 anos.

## **Como caracterizaria a realidade logística e operacional nessas primeiras décadas?**

Tínhamos 126 delegações. Sabe porquê? Quase ninguém tinha carro. As pessoas não podiam andar quilómetros com sacos às costas, por isso tínhamos uma delegação quase de 500 em 500 metros. Eu tinha um mapa onde espetava um alfinete sempre que abria uma. Era tudo manual. Não havia empilhadoras, não havia contentores. Era a força do braço e os porta-paletes.

## **O incêndio na sede antiga é um marco indelével na história da instituição. Que memórias guarda desse momento?**

Morava perto, na Rua das Cruzes, e fui a primeira pessoa a chegar, antes dos bombeiros. A minha grande angústia era que o fogo chegasse aos agroquímicos. Se aquilo entrasse nos esgotos, seria um desastre

ecológico para a cidade. Andei lá no meio do fumo com barrotes a arder, mas não me aconteceu nada. No dia seguinte, até dei uma cabeçada num barroto queimado que me deixou marca durante muito tempo! Mas esse incêndio acabou por ser a semente do que temos hoje.



Registo do que o fogo tentou apagar na Rua do Carmo.

### Foi esse evento que precipitou a mudança para as actuais instalações em São Martinho?

Exatamente. Aproveitámos o seguro e negociámos com o Governo uma permuta de terrenos. Eles tinham o parque de máquinas na Cancela, ao lado de um terreno nosso, e nós queríamos vir para aqui pela localização e acessos. Foi em 1992 que subimos para esta sede. Olho para aquela secretária [à frente] e sinto que ela tem muito do meu ADN.

### Mencionou uma reconfiguração operacional e financeira decisiva para o futuro da CAF. Em que consistiu essa transformação?

A reconfiguração operacional consistiu numa nova forma de desenvolver a nossa actividade fruto das novas instalações, com maior mecanização de processos logísticos, loja de ampla dimensão com estacionamento para clientes. Esta nova configuração operacional trouxe frutos na vertente financeira até os dias de hoje.

### De que forma assumiu os destinos da instituição?

Eu era o secretário da direcção em que era presidente o Dr. Coito Pita. Quando o Dr. Coito Pita decidiu reformar-se no ano passado, eu assumi o cargo de presidente por sentido de missão. Aceitei pela Cooperativa e pelas pessoas que aqui trabalham, para dar estabilidade ao excelente trabalho que a Direcção desenvolveu até então.

### Aos 84 anos, como tem sido esta gestão?

Por vezes, andei stressado. Assumir esta posição mudou as minhas rotinas. De vez em quando sinto o *stress* a querer entrar, mas a responsabilidade fala mais alto. Temos uma equipa que merece todo o empenho.

### O que é que, para si, é a essência que a CAF nunca pode perder?

A ligação com as pessoas da agricultura. Eu nasci numa casa relativamente humilde – sem nunca ter passado por privações. Para mim, o povo e essa ligação à agricultura são fundamentais. Creio que continuamos a manter essa ligação. Hoje, há mais concorrência, o mundo mudou, mas temos de manter esse espírito.

### Que mensagem deixa aos colaboradores e sócios nestes 75 anos?

Que mantenham o espírito de equipa e que defendam esta casa até aos limites. A CAF é um património de todos nós.



# RAÇÕES



**A MARCA DA NOSSA COOPERATIVA**

**ENCOMENDAS**

CAF - COOPERATIVA AGRÍCOLA DO FUNCHAL

TEL 291 702 444

EMAIL [encomendas@cafmadeira.com](mailto:encomendas@cafmadeira.com)



*Almirante Reis*



*Almirante Reis*



*Inauguração*



*& Aducos*



*Rua do Carmo*



*o Rua do Carmo*



*Inauguração  
S. Martinho*



# SUZANNE PEDRO

“ Somos uma entidade sem fins lucrativos. Não podemos especular. Se o mercado põe a batata a um preço exorbitante, nós tentamos manter o equilíbrio porque o nosso compromisso é com quem trabalha a terra. ”



## Uma herança de décadas agora nas mãos de quem cresceu na Cooperativa

**O seu percurso na CAF começou em 2008, num estágio profissional. Alguma vez anteviu que esse seria o primeiro passo de uma ascensão até à direcção executiva?**

Entrei na Cooperativa mal acabei o curso, para um estágio profissional. Na altura, nem sequer tínhamos um departamento financeiro. Eu trabalhava directamente com a direcção executiva a fazer mapas de apoio e análises preliminares. Fiquei no quadro em 2009 e, com o passar dos anos e da experiência, fui acumulando responsabilidades. Tive a sorte de trabalhar com o Dr. Coito Pita, que foi presidente durante muitos anos, e confiou em mim para liderar a área financeira. A partir daí, fui ganhando gosto em dar ‘uma perninha’ no atendimento ao cliente, na área comercial... Acabei por alastrar-me um pouco em diversas áreas. Posto isto, passei a adjunta da direcção e, com a reforma do Dr. Coito Pita, em Outubro de 2025, assumi a direcção executiva.

**Suceder a uma liderança de 40 anos é um desafio hercúleo. Sentiu o peso da responsabilidade?**

Senti-o no sentido literal. As tarefas eu já as conhecia todas, mas o peso de saber que as pessoas dependem directamente de mim é diferente. Deixei de ter aquela ‘almofada’ ou protecção de saber que havia alguém acima a quem recorrer

se algo corresse mal. Agora, a responsabilidade das grandes decisões cai sobre mim e sobre os meus colegas de direcção, o Sr. Rui Santos e o Dr. Rui Marques. Eles acompanham a CAF há longos anos. Eu estou cá há 18. É uma herança de peso.

**A sua resiliência parece ter raízes. De onde vem esse ímpeto?**

Sou a filha do meio, mas sempre me cheguei à frente. Nasci em França, filha de emigrantes, e viemos para a Madeira quando eu tinha 14 anos. Desde cedo ajudava os meus pais com burocracias, IRS, facturas... Sempre fui activa. Fiz parte de grupos de jovens, associações estudantis, catequese e até da Assembleia Municipal de Santana. Tudo isso me deu ferramentas. Há quem diga que estas actividades não servem para nada, mas é mentira. É ali que se ganha o sentido de generosidade e de serviço ao bem-comum.

**Essa cultura de proximidade reflecte-se na forma como gere a equipa e os clientes?**

Sem dúvida. Ontem, à meia-noite, estava a enviar um orçamento de uma palete de palha para um cliente do Porto Santo. Eu não precisava de o fazer, mas não admito prateleiras vazias ou pedidos sem resposta. O sucesso da CAF depende desse detalhe. Temos 39 pessoas aqui e o mercado

é muito mais agressivo hoje, com grandes superfícies nacionais. Só singramos se formos diferentes.

### Quais são os valores inegociáveis quando contrata alguém?

Honestidade, dinamismo e ética. Para mim, a honestidade é a base de qualquer relação comercial. O resto adquire-se com trabalho, mas os valores são muito difíceis de mudar. Quero pessoas que tenham orgulho em dizer que trabalham aqui.

### A CAF tem feito um esforço para se abrir ao público em geral, mas a Suzanne quer reforçar o apoio ao agricultor profissional. Como se gere essa balança?

Houve uma fase em que a CAF teve de se abrir ao consumidor final para garantir a sustentabilidade, e foi uma decisão correcta na altura. Mas agora quero voltar um pouco à nossa base. Somos uma cooperativa agrícola. Queremos estar mais próximos do agricultor profissional, com preços competitivos e produtos técnicos. Abrimos o portfólio de adubos e estamos a desmistificar a ideia de que somos uma ‘casa fechada’. Qualquer pessoa pode comprar na CAF, seja um profissional ou alguém que quer apenas uma planta para a varanda. Esse equilíbrio é o que nos dá estabilidade.

### Como é que uma gestora focada em números lida com a imprevisibilidade da agricultura e crises como a pandemia ou a guerra?

A estratégia passou por não ter ‘os ovos todos no mesmo cesto’. Investimos nos Vinhos Madeira, que têm tido uma aceitação fantástica, e abrimos lojas em zonas estratégicas

como Caniço e Canhas. Durante a Covid, fomos essenciais. Não podíamos fechar porque os animais tinham de comer. Foi uma loucura de preços e de falta de matérias-primas. Nesses momentos, a nossa responsabilidade social vem ao de cima. Somos uma entidade sem fins lucrativos. Não podemos especular. Se o mercado põe a batata a um preço exorbitante, nós tentamos manter o equilíbrio porque o nosso compromisso é com quem trabalha a terra.

### O que é que, após 18 anos, ainda a entusiasma?

A flexibilidade deste projecto. A CAF é maleável. Num dia estamos a organizar um evento para agricultores, no outro estamos nas feiras regionais — do Limão à Feira do Gado — ou a fazer provas de vinho. Ver a evolução desta casa, que nunca teve resultados preocupantes, mas que enfrenta desafios constantes, motiva-me muito.

### Para encerrar, que compromisso assume a CAF perante os seus sócios e a sociedade madeirense neste ano de aniversário?

Aos agricultores: não deixem de nos procurar. Temos uma responsabilidade acrescida perante vós e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar, seja em tempos de intempérie ou de crise de preços. Aos madeirenses e porto-santenses, não

se esqueçam que a CAF é uma empresa regional. Ao comprarem cá, estão a ajudar a economia da nossa terra. Queremos que o mito de que só os sócios podem comprar desapareça. Estamos abertos a todos. Aos nossos trabalhadores, fica o meu agradecimento público. Se remarmos todos na mesma direcção podemos chegar a, pelo menos, mais 75 anos.





**rama**  
RAÇÕES PARA ANIMAIS, S.A.



## Rama há 37 anos como o seu melhor parceiro

**O Grupo Rama felicita a CAF pelos seus 75 anos de existência.**

Com um papel relevante no setor primário, a RAMA afirma-se como um parceiro de confiança no desenvolvimento da produção agropecuária regional.

A RAMA, Rações para Animais, S.A., fundada em 1989, integra o Grupo Rama juntamente com a AvipérOLA, Aviatlântico e Sodiprave, sendo uma referência na produção de rações de elevada **qualidade**.

Especializada em avicultura, mas com soluções para todas as espécies, destaca-se pela **inovação, rigor e liderança** no mercado regional.

Para além da excelência dos seus produtos, a empresa diferencia-se pelo forte apoio técnico prestado aos clientes, contribuindo para a eficiência e sustentabilidade das explorações.





“ Numa instituição que não tem por vocação principal a obtenção de lucros, uma gestão rigorosa dos seus recursos é absolutamente fundamental. Por isso, assegurar o seu equilíbrio financeiro, ao mesmo tempo que cumpre os seus desígnios de origem, é um dos focos principais dos membros da Direcção. ”

# CAF desafia gigantes do retalho com modelo de proximidade

Membro da Direcção com a pasta financeira, Rui Marques destaca a grande diferença entre o momento em que a Cooperativa foi criada há 75 anos e o tempo presente. “A Cooperativa foi constituída num contexto económico e social muito diferente do actual. Apareceu como uma resposta ao isolamento dos agricultores, tentando assegurar melhores preços na compra de factores agrícolas através de aquisições agrupadas (ganhos de escala) e posterior distribuição aos agricultores. Pode-se dizer que a CAF era nessa altura praticamente o único grande fornecedor de factores agrícolas nesta região. Hoje a situação está completamente alterada e o mercado é altamente competitivo. Em consequência, é necessária uma gestão muito rigorosa, de forma a garantir a sustentabilidade da Cooperativa. Numa instituição que não tem por vocação principal a obtenção de lucros, uma gestão rigorosa dos seus recursos é absolutamente fundamental. Por isso, assegurar o seu equilíbrio financeiro, ao mesmo tempo que cumpre os seus desígnios de origem, é um dos focos principais da Direcção”.

Também acredita que a Cooperativa continua a ter um papel fundamental na estabilização dos preços dos factores agrícolas na Região. “Como apenas praticamos as margens necessárias para assegurar a operação, de forma indirecta, acabamos por garantir alguma estabilização dos preços no mercado”.

Menciona ainda que “o volume de negócios dos factores de produção, nomeadamente adubos, agroquímicos e rações deixaram de crescer, provavelmente porque a área agrícola da Região tende a diminuir”. Então, e a pensar no futuro, a empresa abriu um novo caminho complementar à sua actividade.

“Entrámos no mercado do vinho, o que nos permite uma maior aproximação aos agricultores, de duas maneiras: fornecemos-lhes o que eles precisam para produzir as uvas, e depois compramos-lhes essas mesmas uvas para produzirmos vinho. Ficamos todos a ganhar e criámos mais uma fonte de sustentação para a CAF”.

O presidente da Direcção, Rui Santos, frisou que o incêndio na Rua do Carmo foi um momento de viragem. “Foi uma tragédia transformada numa oportunidade. A operação na Rua do Carmo era difícilíssima. Lembro-me de situações caricatas. Os contentores modernos já não passavam no portão antigo. Por vezes, tinham de vaziar o ar dos pneus para o camião conseguir sair. Os armazéns eram obsoletos para a nova tecnologia logística. O incêndio, sendo um azar, permitiu-nos dar um salto em frente. Construímos então aqui em São Martinho um edifício já com cais de carga e descarga e condições que nos deram uma vantagem competitiva enorme. Foi o momento da reestruturação operacional e financeira que garantiu a nossa sobrevivência”. E sublinha a importância da determinação e coesão da Direcção desse tempo, presidida pelo Dr. Coito Pita. “Fomos uma equipa que atravessou fases de grandes transformações desde o final dos anos 80. Foi um trabalho conjunto para garantir que a Cooperativa chegasse aos dias de hoje, firme como está”.

A secretária da Direcção, Suzanne Pedro, destacou a resiliência e dinamismo da CAF. “A CAF sendo uma entidade regional e mesmo após a vinda de grandes empresas nacionais na RAM, tem conseguido se manter como referência no mercado agrícola regional. Quando fazem compras na CAF estão a ajudar a economia regional e os agricultores regionais.”



# O AMANHEÇÃ

**CADA SEMENTE É UMA PROMESSA DE  
CONTINUIDADE. DA TERRA QUE NOS  
MOLDA, NASCE O QUE NOS SUSTENTA.**



PUB



# *Horticalheta*

*Produção e Comercialização de  
Produtos Hortícolas*

**Parabéns  
à Cooperativa  
Agrícola  
do Funchal  
pelos 75 anos  
de conquistas  
e inovação!**

PARQUE INDUSTRIAL DA CALHETA LOTE 47,  
9370-250 ESTREITO DA CALHETA



**960 311 139**



**MARTIM CARDOSO**

**O BRAÇO TÉCNICO QUE NÃO DEIXA  
O AGRICULTOR DESARMADO**



A CAF é a minha casa. Acabei por criar uma relação afectiva que já dura há 32 anos. Vi os terrenos darem lugar a estradas e casas, mas vi também esta empresa a crescer.



A história de Martim Cardoso na agricultura não nasceu de uma certeza. Ao terminar o 12.º ano, as dúvidas sobre o futuro profissional dissiparam-se quando a mãe lhe sugeriu a Engenharia como alternativa. Mais tarde, tornou-se vocação.

Corria o ano de 1994 quando, em plena recruta militar, Martim Cardoso pediu licença para trocar momentaneamente a farda pela caneta. O motivo seria a assinatura do contracto na CAF. Depois de assinar a papelada, regressou ao quartel e, mal terminou o serviço, ocupou o seu lugar nesta empresa que foi o seu primeiro e único emprego. Trinta e dois anos depois, a CAF é a sua casa, a sua Assembleia e a sua história de vida.

Ao longo de três décadas, o engenheiro viu a geografia da ilha ser redesenhada. “Os terrenos foram cedendo lugar a estradas e moradias”, observa. Mas onde muitos viram o fim da agricultura, a CAF viu uma oportunidade de adaptação. Hoje, a Cooperativa serve também a crescente população urbana que, ao fim do dia, troca o escritório pela horta. “O mercado urbano está a crescer e nós adaptamo-nos a ele”, explica. Com isso, a rede de mais de 100 revendedores, colocados a cada três quilómetros das estradas antigas, mudou. A loja deixou de ser apenas um armazém de apoio para se tornar um ponto de encontro entre quem faz da agricultura profissão, mas também *hobby*.


Licenciado em Economia Agrária, Martim Cardoso aprendeu no terreno que a realidade da Madeira torna-se, por vezes, um “desafio legislativo”. Num sector onde as exigências ambientais são cada vez maiores, a formação é uma das principais ferramentas. A CAF funciona como um centro de conhecimento, recebendo palestras e estágios de empresas de

agroquímicos que trazem as mais recentes inovações do mercado. “Os produtos novos aparecem constantemente e a aprendizagem é diária. Hoje temos produtos que só se activam dentro da planta ou em contacto com a terra. É muito mais seguro para quem pulveriza. Além do mais, a tecnologia agora evita a perda de azoto, impedindo a poluição das águas subterrâneas”, clarifica.

A realidade da Madeira, com as suas culturas tropicais e dimensão reduzida, exige o que Martim chama de “usos menores”. Como as grandes multinacionais raramente investem em estudos para mercados tão pequenos e os custos para o registo de produtos fitofarmacêuticos ‘escaldam’, recorre-se à figura supramencionada. “Se um produto já é usado em Canárias, pedimos uma autorização excepcional a Lisboa”, revela. É este trabalho de bastidores que garante que o agricultor madeirense não fique desarmado perante as pragas.

Apesar de toda a reforma no sector, o maior desafio para Martim Cardoso continua a ser o comportamento humano. No terreno, é o pedagogo que tenta travar as resistências biológicas. “O agricultor gosta de um produto e quer usá-lo sempre. O meu papel é convencê-lo a alternar, a mudar a estratégia para que a praga não ganhe a guerra”, esclarece.

Aos 58 anos, o homem que começou a aconselhar agricultores quando a ilha ainda se movia devagar, continua a aprender todos os dias. Actualmente, Martim Cardoso, além de liderar o aconselhamento técnico, preside à Mesa da Assembleia Geral da Cooperativa. Para si, a agricultura é um organismo vivo que exige, acima de tudo, uma relação afectiva com quem a trabalha. Afinal, na agricultura, como na vida, quem para de evoluir, para de crescer.



“ O Vinho Madeira é tradição e história, mas na CAF estamos também a escrever a nossa própria narrativa. Queremos combinações capazes de surpreender quem julga que já conhece tudo sobre este sector. ”

**LISANDRA GONÇALVES**

**ENÓLOGA OUSA REINVENTAR O SABOR  
DO VINHO MADEIRA**



Tem apenas 35 anos, mas o aroma das adegas nunca foi uma novidade. O ‘bichinho’ da viticultura despertou cedo, entre o avô e o tio que faziam o seu próprio vinho seco. Lisandra Gonçalves cresceu a decifrar os aromas das adegas e carrega consigo as memórias sensoriais de uma infância passada entre vinhas. “Desde pequenina que provava, pelo menos, o mosto”, recorda. Aquela curiosidade de menina que provava as uvas deu lugar a uma carreira que, há uma década, assina o perfil dos vinhos da CAF. A despeito das hesitações inerentes ao percurso académico, o potencial das castas regionais acabou por ditar o seu percurso profissional.

Ao contrário do que dita o imaginário comum, o trabalho de Lisandra Gonçalves não começa entre provetas e barricas, mas sim no contacto directo com quem cultiva. Juntamente com a engenheira Cristina Nóbrega, agrónoma da Cooperativa, a enóloga percorre as encostas e visita os agricultores. “É preciso dar valor a quem está no terreno. Sentir a dificuldade que eles sentem na vinha”, afirma. Trata-se de uma gestão que visa acompanhar o viticultor para que a produção não seja “chumbada” pelo instituto e assegurar que o potencial de cada casta seja maximizado. É também um trabalho de paciência e de pedagogia, onde a prevenção de doenças na vinha é tão importante como a fermentação na cuba.

Em função das visitas ao terreno, Lisandra Gonçalves não esconde a sua preocupação com Tinta Negra, casta que diz estar a perder terreno para o mercado imobiliário e para a expansão de outras culturas, como a banana. “Nos meus primeiros anos havia excedente, agora temos falta”, reconhece. Para a enóloga, a solução deverá passar por mais apoios a quem trabalha na terra, pois um viticultor não pode viver apenas da expectativa de que um produto que demora um ano a estar pronto. “Esperar um ano pelo produto final é difícil. Muitos viticultores não vivem só da uva”, assevera.

Na CAF, Lisandra Gonçalves tem sido a impulsionadora de produtos com um perfil distinto. O propósito é criar um Vinho Madeira que respire, que seja fresco, elegante e mais leve. Ao apostar num grau alcoólico ligeiramente mais baixo – fugindo aos tradicionais 20% ou 22% – a Cooperativa está a abrir portas a uma nova geração de consumidores.

Esta inovação é ainda visível na ousadia de “junções improváveis”, como o recente 5 anos Verdelho Terrantez.

“Não é muito comum se juntar estas castas”, sublinha a responsável. Mas as novidades não param e para celebrar o aniversário da casa, prepara-se o lançamento de um Tinta Negra Doce que estagiou dez anos em barricas de conhaque e *whisky*. “É um vinho com um potencial enorme,” revela.

O segredo de um vinho que atravessa décadas reside nos parâmetros definidos logo na receção da uva. Lisandra explica que a visão do enólogo tem de ser de longo alcance. “Temos de garantir certos parâmetros para que o vinho tenha potencial daqui a 10 ou 15 anos. Há anos excepcionais e outros nem por isso”, nota. O grande adversário, muitas vezes, é o clima fustigante da costa norte. As regiões com pluviosidade elevada são um desafio. A chuva excessiva reflecte-se na sanidade do fruto e, conseqüentemente, no perfil do vinho a longo prazo. “Muitas vezes a uva vem sã, mas noutras chega com podridões devido à humidade. Isso exige um acompanhamento rigoroso no terreno”, esclarece.

É aqui que entra o apoio técnico prestado pela Cooperativa. Através de uma supervisão de proximidade, a equipa de agronomia trabalha lado a lado com os viticultores, aconselhando sobre os tratamentos preventivos e os produtos fitofármacos mais adequados para cada fase do ciclo. O resultado? Uma mudança de mentalidade nas encostas. “Os agricultores estão agora muito mais alerta para as questões de prevenção”, reconhece, sublinhando que um vinho premiado começa na saúde da videira.

Grata pela “equipa espectacular que a rodeia”, Lisandra Gonçalves sente que está no sítio certo, no momento certo. Ver os clientes chegarem à loja com resistência e saírem com uma garrafa na mão – rendidos à distinção do produto – é a prova de que a sua visão está a dar frutos. Na CAF, a tradição que é nordeada por um percurso de 75 anos não é uma âncora que prende ao passado, mas sim a fundação sobre a qual Lisandra e a sua equipa estão a desenhar o futuro do sector vitivinícola na Madeira.

“O Vinho Madeira é tradição e história, mas na CAF estamos também a escrever a nossa própria narrativa. Queremos combinações capazes de surpreender quem julga que já conhece tudo sobre este sector”, conclui.



# VÍTOR PESTANA

**“SER AGRICULTOR  
NÃO É A MINHA  
PROFISSÃO, É A  
MINHA VIDA”**

“ Na agricultura não há domingos nem folgas. Enquanto houver força nas mãos, o Seixal continuará a dar o melhor vinho. ”

O dia de Vítor Castro Pestana não espera pelo sol. Começa às 06h30, quando o norte ainda está mergulhado no frio da manhã. O silêncio é quebrado apenas pelos passos de quem, aos 52 anos, não conhece outra realidade que não seja o contacto directo com a natureza. Para este viticultor – a quem a Cooperativa compra as uvas para a produção do seu Vinho Madeira – a agricultura representa uma herança que corre nas veias, passada de geração em geração, desde os tempos em que, com apenas seis anos, já sentia a terra entre os dedos.

A rotina é inflexível e desconhece feriados ou folgas. Porque mesmo nos dias em que não vá cuidar das vinhas, há naturalmente outras bocas para alimentar. “O gado dá-nos o adubo, e o adubo alimenta a terra”, esclarece. É este ciclo orgânico que mantém a fertilidade dos terrenos ácidos do Seixal e que transforma a casta do verdelho em algo verdadeiramente especial.

Apesar da paixão, o olhar de quem trabalha a terra nota as mudanças do tempo. Com o 12.º ano concluído, escolheu a terra para o seu futuro e hoje vê com preocupação o abandono dos campos. “Os mais antigos vão morrendo e os jovens preferem o conforto dos escritórios”, lamenta. No Seixal, uma zona de tradição agrícola, restam pouco mais de uma dezena de agricultores da sua geração. Com os custos de produção a subir e os apoios a chegarem em “fracções”, a tentação de desistir seria grande para qualquer outro. Mas não para Vítor Castro Pestana.

“É um trabalho físico, sem horários. Os jovens procuram outros caminhos, e os terrenos vão ficando abandonados à medida que os mais antigos partem” desabafa. Somam-se a isto as ‘partidas’ do clima. Este ano, a chuva persistente do norte atrasou a plantação das sementes e testou a resiliência de quem depende do tempo para (sobre)viver. Nestes casos, a resiliência substitui, por vezes, a enxada.

Neste cenário de incertezas climáticas e custos crescentes, a ligação à CAF surge como um ponto de estabilidade há cerca de cinco anos. A relação é de confiança mútua. Vítor Castro Pestana fornece a uva — até duas toneladas em anos bons — e a CAF retribui com o suporte necessário para manter a actividade viável. O apoio manifesta-se no dia-a-dia, desde os descontos em produtos fitofármacos até à presença constante dos engenheiros no terreno.

“Quando precisamos, ligamos. Estão sempre disponíveis”, reconhece.

Apesar de admitir que, por vezes, o retorno financeiro serve apenas para cobrir as despesas, a ideia de mudar de vida nunca lhe passou pela cabeça. A liberdade de trabalhar ao ar livre e o orgulho de ver a vinha rebentar superam qualquer dificuldade.

“Só tenho a agradecer à CAF pela disponibilidade e pelo acompanhamento ao longo do ano. Estão a fazer um bom serviço ao agricultor,” conclui com a certeza de quem sabe que, enquanto houver paixão e apoio, o Verdelho do Seixal continuará a ter quem o guarde. “Enquanto houver força nas mãos, o Seixal continuará a dar o melhor vinho, porque esta não é apenas a minha profissão. É a minha vida”, remata.



PUB

1953  
**SOPREM**<sup>®</sup>  
Wood

**Madeira Tratada em Autoclave**  
Alta Durabilidade para Exterior  
**Produção Própria desde 1953**





**LEONOR GOMES**

**A MULHER QUE ABRE AS PORTAS AO SOL  
NO ESTREITO**

“ Dizem que os supermercados roubam-nos o trabalho, mas nós não sentimos isso. O segredo é a nossa maneira de trabalhar. Abrir cedo, estar lá para as pessoas e tratar todos como família. ”

O apelido é Gomes, mas no Estreito basta dizer “Leonor”. A história é um enredo de família que começou com o sogro, passou para o marido e, após a partida precoce deste, ficou nas suas mãos. Herdou o negócio da família e transformou a dor da perda na força necessária para manter as portas abertas.

Hoje, o testemunho já foi entregue ao filho, Paulo Jorge Gomes, mas a “Dona Leonor” continua a ser o chamariz que atrai clientes de todos os cantos da ilha. Do Caniço à Ponta Delgada, quem procura a semente ou a ração, procura também o conselho e o sorriso de quem conhece a terra como ninguém e que ostenta, com orgulho, o título de cliente número um da CAF.

“Isto está-nos na pele”, confessa, vislumbrando já a continuidade da linhagem no neto de 16 anos, que aos Sábados de manhã começa a descobrir o negócio. Se o avô personificava a rigidez e a seriedade de outros tempos, o neto já domina o computador com a agilidade da sua geração. É uma sucessão de quatro gerações que se funde com a própria história da CAF.

Leonor recorda-se das idas à Rua do Carmo e da inauguração da sede em São Martinho como se fossem ontem. “Ao longo dos anos, criei muitas ligações. Com a Fátima, com o senhor Rui... são muitos anos de consideração mútua. Se algo falha, um telefonema resolve tudo. Somos família”, admite.

Enquanto o mundo moderno se rende aos horários de escritório, a loja da Dona Leonor mantém a mística da madrugada. Às sete da manhã, o portão já está aberto. “O pessoal passa aqui antes de ir para o trabalho, aproveita

a manhã. À tarde, quando saem, passam outra vez. É um pedacinho de trabalho, mas compensa”, explica. É esta disponibilidade que faz com que a concorrência das grandes superfícies não a assuste. Para Leonor, o segredo é simples e impossível de replicar num corredor de supermercado. “É a nossa maneira de trabalhar. As pessoas vêm à procura da confiança”, frisa.

As suas memórias são povoadas por um tempo de sacrifício físico que os mais novos mal imaginam. O tempo em que o trabalho se media pelo suor de quem carregava o mundo às costas, em caminhadas intermináveis pelas levadas e veredas do Estreito. Actualmente, o balcão recebe novos públicos — inclusive estrangeiros que cuidam de jardins ornamentais — mas a essência agrícola parece estar em risco. “Os novos já não querem nada disso”, desabafo, temendo o dia em que as mãos calejadas dos seus clientes mais fiéis deixem de tocar a terra.

Apesar da distância do filho, radicado em Inglaterra, e das viagens anuais que faz além-fronteiras, o porto de abrigo de Leonor é o Estreito de Câmara de Lobos. A reforma não faz parte dos seus planos. Na loja, além da gestão, desempenha o papel de ‘psicóloga’ informal de uma clientela que nela encontra um ouvido atento. “Vou para casa fazer o quê? Vivo sozinha. Aqui distraio-me, falo com toda a gente, sinto-me viva”.

Para os 75 anos da CAF, o seu desejo é o de uma parceira de longa data. Leonor Gomes almeja que a Cooperativa continue a crescer e a apoiar quem, como ela, faz da proximidade a sua bandeira. Afinal, enquanto houver terra para plantar no Estreito, haverá uma Dona Leonor pronta para abrir a porta às sete da manhã.

A portrait of Carlos Ascensão, a middle-aged man with short, graying hair, smiling slightly. He is wearing a dark leather jacket over a blue and white plaid shirt. He is gesturing with his hands as if speaking. The background is a bright, slightly blurred indoor setting with a window.

# CARLOS ASCENSÃO

**“SER AGRICULTOR É UMA ARTE DE  
EMPOBRECER ALEGREMENTE”**



Há 24 anos que Carlos Ascensão divide o seu tempo entre as estufas e o balcão da revenda na Ribeira Brava. Sendo agricultor profissional, diz que a realidade do sector percebe-se no terreno, mas também se entende ouvindo os clientes.

Enquanto revendedor, testemunhou uma mudança na mentalidade de quem cultiva. Se antes o conhecimento era passado apenas de "geração em geração", hoje o agricultor procura se embeber de mais informação. "Muitos questionam o que utilizo nas minhas culturas. Às vezes, procuram o produto mais barato, mas quando levam o que eu recomendo, voltam para dizer que finalmente resolveu", admite.

Como bananicultor e produtor de hortícolas, Carlos conhece bem a vulnerabilidade de quem vive ao ar livre. Depois de um pico de produção em 2022, os temporais recentes fustigaram as bananeiras, um lembrete de que, no campo, "o tempo manda mais do que nós". Por isso, e

para contrariar a imprevisibilidade, aposta nas variedades híbridas mais resistentes. A somar a isto, reconhece que a análise de solo, uma prática quase inexistente no passado, revela-se indispensável para o sucesso de qualquer cultura. "O que funciona numa exploração pode falhar noutra devido à cota, exposição solar ou qualidade das sementes ou muitos outros factores", sublinha.

Apesar do optimismo quanto à evolução técnica, o revendedor atesta a falta de jovens no sector. O preço elevado dos terrenos e a restrição dos apoios a áreas mínimas de cultivo dificultam a entrada de sangue novo. "O retorno é moroso e o investimento em terrenos pequenos é difícil", lamenta.


Ainda assim, o balanço de mais de duas décadas de ligação à Cooperativa é positivo. "Estou associado a esta Cooperativa há 24 anos e gostaria de continuar por muito mais. O sector agrícola está a evoluir e a CAF acompanha esse caminho", conclui.

PUB

**DEIBA**  
by **DELSO**

**Celebramos o 75º Aniversário da CAF.  
Uma parceria com longevidade**





“ Tentamos sempre  
desenrascar e ultrapassar  
as contrariedades, mas, no  
final do dia, a CAF é o nosso  
alicerce. Tem sido o parceiro  
que nos ajudou a crescer  
e a construir a nossa  
empresa. ”

**BRUNO GOUVEIA**

**“A ENGENHARIA DÁ-NOS ABERTURA  
PARA QUASE TUDO”**

O ano era 2008. A crise financeira apertava e as ofertas de emprego para um recém-licenciado em Engenharia do Ambiente eram escassas. Em vez de esperar por uma oportunidade que tardava em chegar, este agricultor de 45 anos decidiu criá-la. Juntamente com a irmã, Bruno Gouveia olhou para o património da família em Santana e viu potencial de negócio. Investiram em máquinas e, mais tarde, em 2014, tornaram-se o rosto da CAF no concelho.

Num ano de colheita plena, esta exploração coloca no mercado 170 toneladas de semilha, rodando depois a cultura para a batata-doce. Mas ser agricultor no norte é viver numa espécie de campo de batalha. “O clima desestabiliza, mas as pragas são o que há de mais difícil de controlar”, explica, tecendo críticas à disparidade de regras no mercado ibérico. Enquanto Portugal segue as directivas europeias à risca, a concorrência espanhola opera com ferramentas que aqui são proibidas. É uma “concorrência desleal” que obriga o engenheiro a viver

numa fase de eterna experimentação para salvar as colheitas.

Segundo o engenheiro, a grande vitória desta década e meia foi a mecanização. “Há quinze anos tínhamos meia dúzia de tractores. Hoje, qualquer agricultor aqui já tem as máquinas adequadas”, observa.

Como delegado da Cooperativa em Santana, nota que, embora os agricultores mais velhos estejam a perder fôlego, a procura por produtos de qualidade nunca foi tão alta. A empresa diversificou, vendendo agora desde sementes até silagens e rações para o gado, respondendo a um mercado que ainda tem muito espaço para crescer. Para este empresário, a CAF tem sido um “parceiro fundamental”. “Apresentam-nos produtos fantásticos que nos ajudam a vender e a produzir com confiança. Sem este alicerce, não teríamos chegado aqui”, sintetiza.

PUB



**anturio**  
BUSINESS SOFTWARE

**O PODER DA  
IA  
NO SOFTWARE  
DO SEU NEGÓCIO**

[www.anturio.com](http://www.anturio.com)

cegid partner  
Planisys



# FÁTIMA BELO & PAULO NÓBREGA

## UMA VIDA DEDICADA À CAF E “À PROVA DE TUDO”

Dedicaram quase meio século à Cooperativa. Não mediam as horas, não fugiam ao fardo e, por vezes, esqueceram o caminho de casa em prol do trabalho. São as vozes de uma era que não voltará. Ele, que começou aos 17 anos e se reformou sem despedidas. Ela, que enfrentou um cancro na mama sem nunca faltar um dia ao balcão.

A memória de Paulo Nóbrega recua a 28 de Fevereiro de 1978. Tinha 17 anos, o nono ano concluído e a urgência de quem precisava de se estrear no mercado de trabalho. Entrou para a CAF por via familiar — seguindo o costume da época em que ali trabalhavam “o pai, o filho, o primo e o sobrinho” — e iniciou o seu percurso no armazém da Almirante Reis, em tempos de

hercúleo esforço físico. “Aquilo era tudo carregado e descarregado à mão na Pontinha. Estávamos semanas a fio a descarregar enxofre e adubo, tudo às costas. A Cooperativa tinha muitos funcionários, mas o trabalho era manual, as facturas eram à mão, não havia nada”, recorda.

Fátima Belo chegou pouco depois, em 1982. Lembra a transição do papel para o digital, as noites sem fim e os fins-de-semana sacrificados para aprender o sistema informático que “deu a volta” à casa nos anos 90. “Ficávamos aqui semanas à noite a aprender. Tínhamos de recuperar a facturação toda, fins-de-semana e feriados para pôr tudo em ordem.”

Mas a história destes dois rostos da CAF não se escreve apenas com números ou rotas. Escreve-se com sacrifício. Paulo admite que, por vezes, a balança entre o trabalho e a família pendeu demasiado para um lado. “A minha mulher, quando teve o primeiro filho, levei-a até ao hospital e vim para aqui trabalhar. Dei tudo pelo trabalho e nem sei se compensou.” É um

desabafo de uma geração que não saía quando o relógio batia as seis da tarde. “No nosso tempo a prioridade era o trabalho. Saía às nove da noite, tinha o meu filho pequeno... hoje a malta nova tem outra visão, e se calhar eles é que têm razão.”

Fátima personifica essa “garra” de uma forma quase inacreditável. Em 2019, enfrentou um cancro da mama e a sua resposta à doença foi a mesma que deu à Cooperativa durante 43 anos: resiliência absoluta. “Ia à radioterapia e saía do tratamento directamente para o trabalho. Todos os dias. Nunca deixei um dia. Eu gostava do que fazia e gostava da minha equipa”, aponta.

Apesar do cansaço acumulado, a palavra que mais ecoa na conversa é “família”. Uma família que discutia, que “brigava”, mas que se protegia. Paulo recorda com um sorriso as partidas de Carnaval e os jogos de futebol entre solteiros e casados.

“A gente brigava, fazia barulho, mas era a pensar no bem da

CAF. Uma empresa onde toda a gente diz ‘sim senhor’ é uma empresa de bananas [risos]”, assinalou.

A despedida, no final de 2025, foi o momento de todas as emoções. Para Paulo, o corte foi ‘a seco’, uma estratégia que adoptou para mitigar a dor da partida. “No dia 30 de Dezembro arrumei tudo e fui-me embora. À tarde ligaram-me 20 vezes e não atendi. Não queria despedidas, custa muito”. Já Fátima, abraçou a homenagem a que tinha direito e confessa que, ainda hoje, o trabalho que foi a sua casa durante quatro décadas continua a visitar-lhe os sonhos.

Para estes dois veteranos, o legado da CAF não reside nas paredes das lojas ou dos armazéns, mas no espírito de serviço que os guiou. Fátima, que desenhou as rotas da ilha inteira, e Paulo, que conhece cada sombra do armazém, deixam um apelo à nova geração. Que sintam a camisola, sim, mas que nunca esqueçam que a história desta Cooperativa foi escrita com o tempo de vida — e o sacrifício — de quem lá esteve.

PUB



- ▶ Arames
- ▶ Redes
- ▶ Painéis
- ▶ Grampos
- ▶ Correntes

**BE ON THE SAFE SIDE**

A JSM é uma empresa com raízes que remontam a 1910, construída sobre uma base sólida de conhecimento, resiliência e capacidade de adaptação. De uma produção inicialmente artesanal até aos atuais processos industriais, consolidou-se como uma referência no setor das redes e derivados de arame, aliando tradição e modernidade para responder às exigências de um mercado em constante mudança.



# COMPROMISSO

**UNIDOS PELA TERRA, MOVIDOS PELO  
TRABALHO. LADO A LADO COM QUEM  
SUJA AS MÃOS NA TERRA.**

## A IDENTIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO NAS PALAVRAS DE QUEM A CONSTRÓI



*Trabalho na CAF há cerca de 15 anos, com responsabilidades nos recursos humanos, e é com um orgulho imenso que acompanho o*

*nosso crescimento. Tem sido um processo de constante aprendizagem. Passámos por muito juntos e sinto que esta é a minha segunda família. Ver a CAF manter a sua essência enquanto cresce faz-me sentir privilegiada por pertencer a esta equipa. - Jacinta Pedra*

*Faço parte da equipa de facturação há três anos e o meu desejo é que este percurso continue. Realizamos um trabalho importante para*



*o sector agrícola e sinto-me motivada por contribuir para uma empresa com tanto impacto. - Ana Luísa Noite*

*Entrei para um estágio de um mês em Outubro de 2025 e hoje não quero outra coisa. A CAF é um ambiente de sucesso. Espero que venham muitos mais anos de crescimento e que possamos continuar a expandir esta equipa. - Marta Oliveira*

*Integro a contabilidade desde 2017. Espero que os próximos anos sejam melhores. E que todos juntos façamos por isso. - Catarina Martins*

PUB

**A Previsão** dá os parabéns à  
Cooperativa Agrícola do Funchal  
pelos seus 75 anos.

previsão  
CONTABILIDADE E CONSULTORIA



[www.previsao.com](http://www.previsao.com) · [info@previsao.com](mailto:info@previsao.com) · 291 201 880



# ABERTOS AO PÚBLICO EM GERAL



São 38 anos nesta casa. Como chefe do armazém de rações e adubos, vi a CAF evoluir. Tem sido gratificante fazer parte desta família e espero continuar a contribuir para o seu sucesso.  
- António Gonçalves

Dediquei 39 anos da minha vida à CAF. Entrei aos 24 e aqui construí a minha história. O meu desejo aos novos colaboradores é que encontrem aqui a mesma estabilidade e realização que eu encontrei para organizar a minha vida. - Dilia Silva

São quase 42 anos de dedicação e história dentro desta Cooperativa. Um percurso do qual muito me orgulho. - José Abreu

Estou aqui há três anos, mas a minha ligação é antiga. O meu pai trabalhou aqui 45 anos. A CAF representa muito para mim. É uma das poucas empresas na Madeira a atingir este patamar de

excelência. Passo mais tempo aqui do que em casa, e sinto que faço parte de algo histórico. - Rúben Freitas

Há 18 anos que a CAF é a minha segunda família. Somos fundamentais para a economia regional e o nosso propósito será sempre estar mais próximos das pessoas. Não consigo conceber o futuro da Madeira sem o papel desta instituição.  
- Gabriela Afonso



A CAF acolheu-me no meu primeiro emprego em 2015 e tornou-se a minha casa. Hoje, entre o aconselhamento técnico e a formação, sinto que retribuo todo o apoio que esta família me deu desde o primeiro dia. - Cristina Nóbrega

A CAF abriu-me as portas no momento em que mais precisei e foi 'ouro sobre azul'. Adoro o contacto directo e o atendimento ao cliente. É uma oportunidade única trabalhar numa casa que valoriza tanto as pessoas. - Sandra Luís

PUB

## PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS INFORMÁTICOS



PARABÉNS À COOPERATIVA AGRÍCOLA DO FUNCHAL PELO SEU 75º ANIVERSÁRIO





*Desde 2014 que estou na área de atendimento. Festejei aqui os 70 e agora os 75 anos da CAF. Gosto genuinamente do que faço e sinto-me bem por continuar a servir os nossos clientes. - Carlos Vieira*

*Embora esteja cá há apenas um ano, já sinto esta empresa em crescimento. Desejo as maiores felicidades à CAF e espero que estejamos aqui todos juntos para celebrar os próximos 75 anos. - Tomé Gomes*

*Faço parte desta casa desde 2014, enquanto responsável pelo armazém. Em nome de todos, assumo o compromisso de tentar manter a boa qualidade e o trabalho deixado pelas gerações anteriores. - Luís Gonçalves*

*Estou aqui há 5 anos e, para mim, este é um marco importante. É um prazer enorme fazer parte desta família e poder completar mais anos de sucesso como uma equipa unida. - Vítor Pita*



*Pertenço à área de compras desde 2012. Espero que celebremos estes 75 anos com a consciência de que o trabalho foi bem feito, preparando o caminho para que as próximas gerações deem continuidade a este legado. - Roberto Nunes*

*Fazer parte desta história é um desafio constante. É uma casa de excelência e com uma boa clientela. - Beatriz Aguiar*

*Como uma das 'últimas aquisições' e filho de uma antiga colaboradora, é um orgulho continuar o legado familiar na CAF. Que venham mais 75 anos. - Hugo Belo*

*São nove anos de dedicação. Que venham mais vendas e muito trabalho para continuarmos a crescer. - Filipe Cafôfo*

*O meu desejo neste 75.º aniversário da Cooperativa é que a confiança dos nossos clientes nunca falte. Eles são a razão do nosso sucesso. - Rogério Temtem*





## JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO MARTINHO

O Executivo da Junta de Freguesia de São Martinho felicita a Cooperativa Agrícola do Funchal pelo seu contributo inestimável para o sector primário e para a economia regional.

É com orgulho que assistimos à celebração do 75.º aniversário de uma instituição que tanto dignifica a nossa freguesia e honra toda a Região Autónoma da Madeira.

[www.jf-saomartinho.pt](http://www.jf-saomartinho.pt)  
[geral@jf-saomartinho.pt](mailto:geral@jf-saomartinho.pt)  
291 700 580



# COOPERATIVA AGRÍCOLA DO FUNCHAL A CULTIVAR A CONFIANÇA DESDE 1951

Tudo começou oficialmente a 2 de Abril, embora o alvará tenha selado o compromisso a 17 de Abril. Da Rua do Carmo, onde as primeiras sementes de confiança foram lançadas, a Cooperativa cresceu e mudou-se para instalações em São Martinho.

## SERVIÇOS:



**Farmácia agrícola (aconselhamento profissional);**



**Formação profissional acreditada (ambiente, agricultura, silvicultura);**



**Consultadoria técnica;**



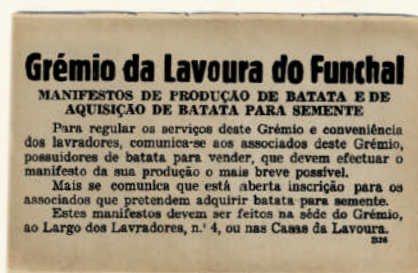
**Ampla gama de produtos (sementes, adubos, ferramentas, rações, construção, apicultura, jardim, etc.);**



**Serviço de entregas.**



## RECORTES DE NOTÍCIAS



*Sou responsável pela loja do Caniço e estou há seis anos na CAF. Parabéns à nossa empresa por este 75.º aniversário. Que os próximos anos sejam ainda mais prósperos. - Filipe Caires*

*Estou nesta empresa desde 2021, como ajudante na loja dos Canhas. Gosto muito do trabalho que faço. Para mim, é como uma segunda casa, uma segunda família. Desejo fazer parte desta empresa durante uns bons anos. CAF sempre. - Carlos Santos*

*Trabalho na loja do Mercado dos Lavradores, desde Março. Muitos parabéns à CAF. Juntos somos mais fortes. - Hélder Freitas*

*Estou na CAF desde 1987, enquanto responsável*

*pela loja do Mercado dos Lavradores. Que a CAF viva por mais 75 anos. - Emídio Freitas*



*Trabalho na CAF há 4 anos como operadora de caixa. Desejo que a empresa continue a prosperar por longos anos e que trabalhem sempre em equipa para podermos oferecer o melhor a quem nos escolhe ano após ano. - Liliana Gomes*

*Trabalho nesta empresa há 8 anos e sou responsável pela loja nos Canhas.*

*Parabéns a todos que dedicam diariamente o seu talento para fazer da CAF uma referência. - Marco Silva*



PUB

## Soluções

# Profissionais

para uma agricultura mais eficiente



Nutrofert

NUTRIÇÃO E FERTILIZANTES

- ✓ Solos mais equilibrados
- ✓ Culturas mais produtivas
- ✓ Acompanhamento no terreno



**Produtos especializados para melhorar a produtividade e a sustentabilidade das culturas.**



# COOPERATIVA AGRÍCOLA DO FUNCHAL



Há **75** anos  
a crescer  
consigo



## Esperamos por si...

### FUNCHAL

#### SÃO MARTINHO - Sede

Caminho São Martinho, n.º 56

9000-273 Funchal

Telf. (+351) 291 700 900

info@cafmadeira.com

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 08h30 às 12h30 / 14h00 às 18h00

**Sábados:** 08h30 às 12h30

### SÉ - Carmo

Rua da Cooperativa Agrícola do Funchal  
Bloco E R/c Loja C (Esquina com Rua do Carmo)

9050-555 Funchal

Telf. (+351) 291 616 145

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 09h00 às 13h00 / 14h00 às 18h00

**Sábados:** 09h00 às 13h00

### SANTA MARIA MAIOR - Mercado

Rua Latino Coelho, n.º 27  
(Mercado dos Lavradores)

9060-027 Funchal

Telf. (+351) 291 616 921

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 08h30 às 12h30 / 14h00 às 18h00

**Sábados:** 08h30 às 12h30

### CÂMARA DE LOBOS / ESTREITO DE CÂMARA DE LOBOS

Rua do Mercado R/C e Cave

9325-017 Estreito de Câmara de Lobos

Telf. (+351) 291 948 161

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sábado:** 07h30 às 13h00 / 14h00 às 20h00

**Domingo:** 08h30 às 13h00

### RIBEIRA BRAVA

Rua Juvenal José Ferreira Pestana

9350-219 Ribeira Brava

Telf. (+351) 291 952 297 ou 965 013 296

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 09h00 às 12h30 / 14h30 às 18h30

**Sábados / Domingos:** 09h00 às 12h00

### PONTA DO SOL / CANHAS

Estrada Regional 222 n.º 275, loja D

9360-300 Canhas

Telf. (+351) 291 973 253

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 09h00 às 13h00 / 14h30 às 18h30

**Sábados:** 09h00 às 13h00

### SANTANA

Avenida 1 de Julho, n.º 23

9230-086 Santana

Telf. (+351) 968 846 170 Miguel Gouveia

Telf. (+351) 966 575 661 Joana Gouveia

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Domingo:** 09h00 às 19h00

### CALHETA / ESTRELA

ER 222 - Estrada Calheta, n.º 695

9370-049 Calheta

Telf. (+351) 968 566 900

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 09h00 às 19h00

**Sábados:** 09h00 às 13h00

### SANTA CRUZ / CANIÇO

Rua Canto do Ribeiro, n.º 38

9125-123 Caniço

Telf. (+351) 291 146 882

#### Horário de Funcionamento

**Segunda a Sexta:** 08h30 às 12h30 / 14h00 às 18h00

**Sábados:** 08h30 às 12h30

### SANTA CRUZ

Rua Conselheiro Luis Freitas Branco, n.º 12  
9100-154 Santa Cruz

Telf. (+351) 291 524 466

#### Horário de Funcionamento

**Terça a Sexta:** 08h00 às 13h00 / 15h00 às 19h00

**Segunda:** 8h00 às 13h00

**Sábados / Domingo:** 08h00 às 13h30 / 08h00 às 12h00

**JUNTOS CULTIVAMOS O FUTURO**